

Resumo Do País: Brasil

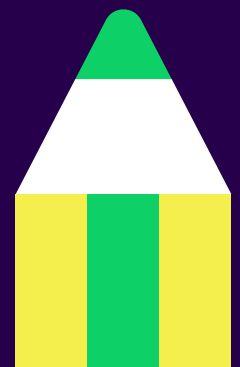
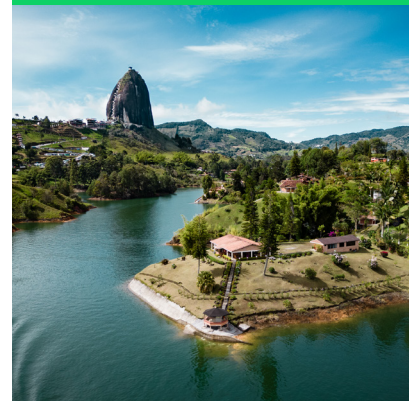
O Brasil tem fortes ambições políticas em relação à sustentabilidade, além de uma sociedade civil dinâmica, mas a transição verde continua profundamente desigual. As oportunidades se concentram no Sul e no Sudeste, o ingresso na carreira depende de redes elitizadas e os sistemas educacionais ainda não acompanham as demandas da economia verde. Jovens da periferia urbana do Norte e do Nordeste enfrentam barreiras acumuladas de custo, linguagem e localização geográfica. As mulheres enfrentam riscos específicos relacionados ao assédio no ambiente de trabalho e ao acesso restrito a crédito. Ao mesmo tempo, movimentos sociais e organizações comunitárias oferecem alguns dos caminhos mais eficazes de aprendizagem e mobilização no país.

Resumo Rápido

- Quase todos os respondentes brasileiros da pesquisa global (n=13) consideraram as competências verdes importantes, mas a grande maioria relatou enfrentar dificuldades para acessar oportunidades no setor.
- A falta de empregos verdes locais foi a barreira mais citada, seguida por restrições financeiras e acesso limitado à formação. Barreiras linguísticas e isolamento geográfico também foram relevantes, mais do que na maioria dos outros países.
- A agricultura foi, de longe, o setor mais associado a empregos verdes (selecionado por quase todos os respondentes), seguida por energias renováveis e gestão de resíduos.
- Mulheres e minorias étnicas foram igualmente identificadas como os grupos com maior risco de ficarem para trás. Apenas um respondente considerou os programas atuais inclusivos.

Principais conclusões

- **Os sistemas de ensino não estão preparando os jovens para o trabalho verde.** Educadores descrevem a ausência de uma preparação ambiental sistemática. Um dos entrevistados observou que a educação ainda está “no século XIX” quando se trata de desafios socioambientais. Outro observou que “a menos que a instituição de ensino esteja conectada a uma área rural ou a movimentos sociais, os alunos não recebem essa educação social e ambiental” (Educador, Brasil). A aprendizagem mais eficaz vem de movimentos e do engajamento comunitário, e não de currículos formais.
- **O acesso é filtrado por privilégio, idioma e redes de contato.** Jovens descrevem as oportunidades como “restritas a quem pode pagar, fala inglês fluentemente ou tem uma rede de privilégios” (Jovem, Brasil). Outro descreveu um ecossistema fechado: “as mesmas pessoas fazendo as mesmas coisas; não incentivam a entrada de jovens iniciantes”. Um especialista do setor chamou isso de “armadilha da experiência”: as vagas exigem experiência, mas só é possível ganhar experiência conseguindo um emprego (Especialista do setor, Brasil). Quase metade dos respondentes brasileiros citou barreiras linguísticas, a maior proporção entre os cinco países.
- **As mulheres enfrentam riscos sistêmicos de segurança que funcionam como barreiras anteriores ao acesso.** Jovens descrevem o assédio como uma restrição direta à participação em funções de campo e em setores predominantemente masculinos (Jovem, Brasil). A discussão do Launchpads apontou a exploração no setor de energia como algo sistêmico (Jovem palestrante, Brasil). As responsabilidades de cuidado ampliam essas barreiras: “Muitas delas eram mulheres, muitas delas mães solo” (Educador, Brasil). Um formulador de políticas confirmou: “As mulheres ainda não estão ocupando essas funções” (Formulador de políticas, Brasil).
- **A marginalização na periferia é multidimensional.** Um representante de ONG descreveu de forma direta: “A vulnerabilidade dos jovens da periferia é a pobreza multidimensional” (Representante de ONG, Brasil). Jovens descrevem como o medo e a autoexclusão se somam às barreiras materiais: “O medo de não estar no mesmo nível paralisa suas vozes” (Jovem, Brasil). O apoio financeiro foi a forma de ajuda mais solicitada entre os respondentes brasileiros.



“Podemos mudar a fonte de energia, mas a estrutura social continuará a mesma.”

Participante jovem, entrevista, Brasil

Destaque: Aprendizagem por meio de movimentos sociais, e não de livros didáticos

No Brasil, a aprendizagem mais eficaz sobre o clima muitas vezes acontece fora da educação formal. Jovens descrevem o movimento Jovens pelo Clima (Youth4Climate) e o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) como espaços onde desenvolveram competências práticas, confiança e um propósito coletivo. Um jovem explicou: “Você aprende colocando a mão na massa e também trocando conhecimentos com mulheres do MST” (Jovem, Brasil). Outro descreveu como espaços entre pares transformam a participação: “É incrível ver que há alguém ali te ouvindo com atenção. “É incrível que o jovem que chegou tímido já esteja falando publicamente no grupo” (Jovem, Brasil). Um educador descreveu isso como uma mudança epistemológica: “Precisamos aprender com nossos ancestrais. “Se não aprendermos com eles, nada vai mudar” (Educador, Brasil). Um jovem participante descreveu, no Launchpads, como mulheres indígenas no Brasil criaram filtros de água a partir de sementes de açaí, uma “tecnologia social” que combina conhecimento tradicional com inovação prática.

Principais recomendações

Recomendação	Base de evidências	Quem deve agir
Construir trajetórias verdes subnacionais para o Norte e o Nordeste.	As entrevistas confirmam a concentração regional de oportunidades. A maioria dos respondentes brasileiros citou a falta de empregos locais. Formuladores de políticas descrevem a redução de serviços como um fator que está expulsando os jovens das áreas rurais.	Ministério do Meio Ambiente e Mudança do Clima; secretarias estaduais de meio ambiente e trabalho; SUDENE; SUDAM.
Criar vias de entrada remuneradas: programas de aprendizagem e esquemas de primeiro emprego.	Jovens descrevem a “armadilha da experiência” e a dependência de redes elitizadas. As barreiras financeiras foram o segundo desafio mais citado. Entrevistas com ONGs confirmam que trajetórias não remuneradas excluem jovens marginalizados.	Ministério do Trabalho; SENAI; SENAC; empregadores nos setores de energias renováveis e agronegócio; doadores.
Institucionalizar a aprendizagem climática prática e conectada às comunidades.	Educadores descrevem a ausência de conteúdos ambientais aplicados nas escolas. Jovens atribuem aos movimentos sociais (Jovens pelo Clima, MST), e não à educação formal, suas competências climáticas.	Ministério da Educação (MEC); secretarias estaduais de educação; universidades; ONGs e organizações de movimentos sociais.
Reforçar salvaguardas contra assédio e ambientes de trabalho seguros para mulheres.	Jovens e participantes do Launchpads descrevem riscos sistêmicos de segurança em funções de campo e no setor de energia. As responsabilidades de cuidado ampliam as barreiras de acesso para mães solo.	Ministério Público do Trabalho (MPT); empregadores; provedores de formação; órgãos de direitos das mulheres.
Financiar custos de participação (transporte, alimentação, dados) como parte padrão no desenho dos programas.	Representante de ONG: “Meu projeto não tem subsídio para fornecer transporte, alimentação e desenvolvimento profissional. “É um problema.” O apoio financeiro foi o principal pedido entre os respondentes brasileiros.	Doadores; financiadores de programas; programas sociais federais e estaduais.
Reconhecer tecnologias sociais e inovação comunitária nos modelos de competências verdes.	Launchpads: jovens descreveram os filtros de água feitos com sementes de açaí por mulheres indígenas como uma “tecnologia social”. Jovens relatam que aprendem por meio da prática e da troca em movimentos sociais, e não em salas de aula.	MEC; Ministério da Ciência e Tecnologia; SENAI; ONGs; organizações comunitárias.

Fontes: respondentes da pesquisa por país: n=13. Complementado por entrevistas com informantes-chave, diários de jovens e discussões do Innovation Launchpad.

“Mais do que o próprio curso de biologia, foi realmente o Jovens pelo Clima (Youth4Climate) que fez a diferença.”

“Você está lá, construindo coisas junto como voluntário.”
Participante jovem, entrevista, Brasil

